

## AS PROXY-WARS DO GOLFO: OS TENSIONAMENTOS ENTRE ARÁBIA SAUDITA E IRÃ NO CONTEXTO DA PRIMAVERA ARÁBE

*Tiago Valêncio de Melo\**

### RESUMO

A presente análise tem por objetivo identificar os elementos da crescente rivalidade entre Arábia Saudita e Irã que, desde 2011, tem se tornado central para a estabilidade do Oriente Médio, em um cenário onde ambas potências regionais buscam a hegemonia no Golfo. O trabalho divide-se em três distintas etapas: a tentativa de identificar os elementos que dão origem a esta relação hostil entre os atores, após a Revolução Iraniana em 1979; identificar a atuação e as perspectivas de ambos no contexto da Primavera Árabe, bem como as ações empreendidas por estes; e por fim, analisar os casos do Bahrein e Iêmen, dois importantes exemplos de como a batalha empreendida por Sauditas e Persas traçam os contornos das disputas políticas que vem ocorrendo na região desde 2011.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arábia Saudita. Irã. Primavera Árabe. Bahrein. Iêmen.

### ABSTRACT:

The present analysis aims to identify elements of the growing rivalry between Saudi Arabia and Iran, which since 2011 has become central to Middle East stability in a scenario where both regional powers seek hegemony in the Gulf. The work splits into three distinct stages: the attempt to identify the elements that give rise to this hostile relationship between the actors, after the Iranian Revolution in 1979; identify the actions and perspectives of both, in the context of the Arab Spring, as well as the actions undertaken by them; and finally to analyze the cases of Bahrain and Yemen, two important examples of how the battle undertaken by Saudis and Persians outlines the political disputes that have been taking place in the region, since 2011.

\* Bacharel em Relações Internacionais (2016) – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - tiagovalencio@hotmail.com

**KEYWORD:** Saudi Arabia; Iran; Arab Spring; Bahrain; Yemen

## INTRODUÇÃO

A onda de movimentos populares que recebeu a alcunha de Primavera Árabe trouxe profundas mudanças para a paisagem política e o equilíbrio de poder no Oriente Médio. O estabelecimento de um enorme vácuo de poder, resultante da queda de regimes então considerados estáveis, gerou um fértil terreno para disputas pela hegemonia regional. É neste sentido que o presente trabalho se propõe a analisar as relações entre Irã e Arábia Saudita no que tange as ações perpetradas por tais relevantes atores no jogo de poder do Oriente Médio e do Golfo Árabe.

A rivalidade entre Sauditas e Iranianos tornou-se um delicado e central elemento da constituição de um equilíbrio de poder no Oriente Médio, especialmente com os crescentes tensionamentos entre as duas nações em face dos acontecimentos no Iêmen, Bahrein e outros países do Golfo. A troca de acusações e o relacionamento intenso entre Riad e Teerã data da própria formação da República Islâmica Iraniana, mas se acentuou após os recentes acontecimentos da região.

O presente trabalho fará uso do método histórico-analítico, utilizando fontes de referência secundárias e outras análises acerca das temáticas que se relacionam ao tema. O objetivo do trabalho consiste em compreender a natureza das ações empreendidas por Irã e Arábia Saudita no contexto da disputa pela hegemonia regional. Neste sentido, a problemática da análise consiste em identificar as linhas de ação empreendidas pelos atores, bem como identificar seus resultados.

A análise divide-se em três partes: A primeira busca estabelecer a gênese das relações de hostilidade entre Irã e Arábia Saudita, tendo como objetivo compreender o processo histórico e os acontecimentos que tornaram ambos os Estados rivais na disputa pela hegemonia regional; a segunda seção tem como objeto a Primavera Árabe e as reações de Teerã e Riad aos acontecimentos que, a partir de 2011, transformaram o equilíbrio de poder da região, buscando identificar a natureza das perspectivas dos atores em relação ao processo e também a natureza de suas ações; a terceira e última etapa busca expor a atuação prática dos dois países no sentido de expandir suas áreas de influência, tomando como estudos de caso o Bahrein e o Iêmen, dois cenários de grande importância para o equilíbrio de poder regional.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS E INÍCIO DAS TENSÕES

Inicialmente, como apontado por Downs (2012), a Arábia Saudita se configurava como o Estado que exercia o papel de liderança religiosa no Golfo Árabe, especialmente após a consolidação de sua monarquia e o domínio territorial da maior parte da Península. Rich (2012) assinala ainda que Riad até os anos 70 enxergava o Irã como um foco de instabilidade na região, uma perspectiva que se justificava pela existência em Teerã de uma Monarquia alinhada aos interesses ocidentais e assim como os Sauditas, preocupada com a crescente

ascensão do nacionalismo Árabe que emanava do Egito de Nasser e do Iraque do partido Baath. Arábia Saudita e Irã eram, portanto, os dois pilares da chamada “Doutrina Nixon” que defendia a manutenção da estabilidade no Oriente Médio por meio dos dois principais aliados norte-americanos em tal momento, as monarquias de Riad e Teerã. (SAJEDI, 1993)

Contudo, a Revolução Islâmica de 1979 trouxe à tona um ator de natureza diferenciada, disposto a contestar o então consolidado papel de Riad como potência hegemônica da região. A preocupação Saudita com as declaradas intenções do novo regime iraniano – que defendia a expansão da revolução para os demais países do Golfo – levou a monarquia a adotar maiores medidas para consolidar sua área de influência, conduzindo a criação do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)<sup>1</sup> em 1981.

Este foi apenas o início de uma guerra retórica de décadas de duração entre os estados. A Revolução Iraniana, a Guerra Irã-Iraque e a invasão do Kuwait obrigaram a Arábia Saudita a tomar medidas para assegurar sua própria estabilidade. Os sauditas estavam preocupados com o desejo do Irã de exportar sua revolução, bem como sua retórica, que caracterizava a monarquia saudita como pró-americana e ilegítima. A formação do Conselho de Cooperação do Golfo estabeleceu as restantes monarquias do Golfo dentro da esfera de influência saudita, embora isso sob a suspeita de algumas famílias governantes que se preocupavam com a hegemonia saudita. (DOWNS, 2012, p. 208, Tradução Nossa)<sup>2</sup>

Neste Sentido, Oktav (2011) aponta em sua análise três elementos centrais na construção da intensa rivalidade entre Sauditas e Persas, que tornou-se ainda mais acentuada após a derrubada do governo iraquiano em 2003. Tais elementos seriam: a influência norte-americana, responsável por construir a imagem de que o Irã seria a maior ameaça a estabilidade regional após a queda de Saddam Hussein; o posicionamento ideológico iraniano, visto como um rival na disputa pela hegemonia regional; e a percepção de que o Irã é um patrocinador das instabilidades sectárias nos países do golfo.

No entanto, o Irã não-árabe nunca deixou de ser um estranho aos olhos dos países árabes do Golfo, em parte porque Washington lhes deu a mensagem de que, na ausência de Saddam Hussein, o Irã era a maior ameaça para os sheikhdoms. Outro motivo importante foi que “Riyadh ainda considerava Teerã com suspeita, tanto como concorrente ideológico no mundo muçulmano quanto como grande poder regional, devido à assimetria entre o poder nacional dos países árabes do Golfo e o do Irã em termos de demografia, capacidade industrial e força militar”. Um terceiro motivo diz respeito à falta de confiança mútua. Tanto o Irã quanto o Iraque aparece-

---

1 Gulf Cooperation Council (GCC) em inglês. Formado por Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Kwait, Omã e Qatar.

2 “This was just the beginning of a decades-long rhetorical war between the states. The Iranian Revolution, the Iran-Iraq war, and the invasion of Kuwait forced Saudi Arabia to take steps in ensuring its own stability. The Saudis were concerned about Iran’s desire to export its revolution as well as its rhetoric disavowing the Saudi monarchy as pro-American and illegitimate. The formation of the Gulf Cooperation Council entrenched the remaining Gulf monarchies within the Saudi sphere of influence, though this was to the chagrin of some ruling families who worried about Saudi hegemony.”

ram em momentos diferentes como promotores de instabilidade nos países árabes do Golfo. (OKTAV, 2011, p. 137, Tradução Nossa)<sup>3</sup>

Na sequência de sua análise, Oktav (2011) aponta ainda que a intervenção norte-americana no Iraque estabeleceria um vácuo de poder na região, ao retirar do complexo tabuleiro do Oriente Médio uma de suas peças mais importantes, o Iraque Baathista. Tal acontecimento colaboraria, portanto, para o surgimento de novos dilemas de segurança na região e tornaria ambos os países – Irã e Arábia Saudita – mais vulneráveis as instabilidades regionais.

Em face deste novo cenário, as monarquias do golfo não demoraram a adotar uma linha de raciocínio coerente com os interesses norte-americanos, marginalizando a República Islâmica e a identificando como principal foco de instabilidades. Neste sentido, qualquer política favorável a manutenção de um equilíbrio de poder estável no golfo deveria partir da premissa de se conter as ações Iranianas na região (BARZEGAR, 2010). Em contrapartida, o regime iraniano alega que os Sauditas buscam construir uma hegemonia do sunismo na região – trabalhando em aliança com os Estados Unidos para conter a ascensão de atores políticos ligados ao xiismo – e enxerga os acordos de segurança firmados entre os países do Golfo e norte-americanos como uma ameaça a sua integridade<sup>4</sup> (MAMADKUL, 2017).

Os anos seguintes seriam responsáveis por trazer um novo e importante elemento para a rivalidade entre Sauditas e Persas. O advento da Primavera Árabe incluía uma série de fatores que colocavam em risco a já frágil estabilidade e o delicado equilíbrio de poder do golfo, trazendo à tona o advento da luta popular que subvertia as bases que legitimavam o poder de monarquias e regimes autoritários na região e proporcionando novas disputas por áreas de influência entre os conservadores de Riad e os islamistas de Teerã.

## A PRIMAVERA ÁRABE: ACIRRAMENTO DAS TENSÕES E NOVOS DESAFIOS

A Primavera Árabe, assim como a invasão do Iraque em 2003, se configura como um ponto central de inflexão nas dinâmicas de poder do Oriente Médio no século XXI. Quando em dezembro de 2010, um jovem ateou fogo ao próprio corpo na Tunísia ele também se tornaria o responsável por incendiar todo o complexo tabuleiro político da região. A onda de manifestações populares que se espalhou como um efeito dominó colocava em xeque regimes consolidados de importantes atores da região. Aos poucos, líderes então incontestáveis

3 “However, non-Arab Iran never ceased to be an outsider in the eyes of the Gulf Arab countries, partly because Washington gave them the message that, in the absence of Saddam Hussein, Iran was the greatest threat to the sheikhdoms. Another important reason was that “Riyadh still looked upon Tehran with suspicion both as an ideological competitor in the Muslim world and as a major regional power, due to the asymmetry between the Gulf Arab countries’ national power and that of Iran, in terms of demography, industrial capacity and military strength.” A third reason concerns the lack of mutual trust. Both Iran and Iraq appeared at different times as promoters of unrest in the Gulf Arab countries.”

4 As monarquias do Golfo e integrantes do CCG estabeleceram uma série de acordos de cooperação na área de defesa e para a implantação de bases norte-americanas na região, despertando o temor do Irã. (MAMADKUL, 2017).

de atores centrais da região, como Gaddafi na Líbia e Mubarak no Egito se viram destronados pela indignação popular acumulada durante anos de opressão e injustiças.

No que tange o impacto de tais acontecimentos em relação a temática da rivalidade entre Sauditas e Iranianos, é vital compreender as mudanças que a ascensão de novos regimes podem trazer para o equilíbrio de poder entre as duas potências regionais. A onda de manifestações e contestações ao *status quo* trazia ao Irã a possibilidade de atrair para seu centro gravitacional países tradicionalmente atrelados a esfera de influência de Riad. Os protestos na região pareciam tornar o Irã um de seus maiores beneficiários, encontrando um campo fértil para difundir os preceitos de sua Revolução Islâmica no golfo.

Eles afirmam que tais eventos no mundo árabe mudaram o “equilíbrio de poder” em favor do Irã e fortaleceram sua posição na região. O próprio Irã também considera o desenvolvimento recente como um “Despertar Islâmico”, que é uma vitória para a Revolução Islâmica de 1979, e também acredita que os países árabes estão caminhando em seus “passos proverbiais”. A este respeito, o líder iraniano, Ayatollah Khamenei, chamou essas revoltas de “benção divina” com “objetivos e orientação islâmica”. Mahmud Ahmadinejad, presidente do Irã, também afirmou que as revoluções egípcia e tunisina foram inspiradas pelo “desafio” do Irã contra as potências ocidentais. (AMIRI; YUSOFF; SOLTANI, 2012, p. 1534, Tradução Nossa)<sup>5</sup>

Para os Sauditas, a Primavera Árabe não se configurava apenas como um desafio para sua política externa, mas também trazia profundas implicações para a própria estabilidade do regime monárquico de Riad, que a exemplo de grande parte dos seus vizinhos que sofriam com as ondas de manifestação popular, era sustentado por um intenso autoritarismo e supressão as liberdades individuais. Logo na primeira metade de 2011, os protestos batiam a porta da monarquia, Steinberg (2014) aponta que o governo saudita se mostrou extremamente eficaz no combate as clivagens dentro de seu próprio território, utilizando de seu aparato repressor para conter as manifestações antes que estas atingissem uma maior magnitude e posteriormente promovendo pequenas reformas e ajustes estruturais.

Tendo habilmente contido as implicações dos movimentos dentro de sua própria fronteira, a política externa da Arábia Saudita em relação a Primavera Árabe é marcada por uma relativa dualidade na natureza de suas ações, embora estas sejam empreendidas com uma única finalidade: a manutenção do *status quo* no golfo. Neste sentido, Riad passou a adotar duas linhas de ação em relação aos movimentos em seus vizinhos: auxiliando na manutenção dos regimes e aliados e na supressão dos movimentos populares em seus vizinhos do golfo e aliados estratégicos, assumindo, nas palavras de Kamrava (2012, p. 96), o papel de “arquiteto-chefe da Contrarrevolução”; e fornecendo auxílio a grupos insurgentes na Síria, com o objetivo de destituir o governo de Assad, aliado vital de Teerã (AKGUL, 2016).

5 “They claim that such events in the Arab World have shifted the “balance of power” in favour of Iran and strengthened its position in the region. Iran itself also regards the recent development as an “Islamic Awakening”, which is a victory for the Islamic Revolution of 1979, and as well believes that the Arab countries are walking in its “proverbial footsteps”. In this respect, the Iranian leader Ayatollah Khamenei even termed these uprisings “divine blessings” with “Islamic objectives and orientation”. Mahmud Ahmadinejad, Iran’s president, also claimed that the Egyptian and Tunisian revolutions were inspired by Iran’s “defiance” against Western powers”



Irã e Arábia Saudita, portanto, apresentam leituras diametralmente opostas em relação a onda de movimentos populares que recebeu a alcunha de Primavera Árabe. Enquanto o regime de Teerã identifica uma oportunidade de alargar as bases de sua influência na região, a monarquia Saudita identifica uma ameaça a sua proeminente posição na balança de poder do golfo. Como veremos a seguir, tais perspectivas antagônicas levariam a uma série de conflitos indiretos envolvendo as duas potências regionais no golfo, desencadeando uma verdadeira batalha pela hegemonia regional.

## **BAHREIN E IÊMEN: AS PROXY-WARS DO GOLFO ÁRABE**

Como apontado anteriormente, Irã e Arábia Saudita apresentaram perspectivas antagônicas no que tange seu tratamento em relação a Primavera Árabe. Tal fator, em aliança com a já mencionada disputa travada por ambos desde 1979, colaborou para uma série de confrontos indiretos entre os dois países, levados a cabo por grupos político-religiosos apoiados de maneira direta ou indireta – mesmo que em grande parte dos casos, ambos neguem com veemência sua relação com insurgentes – na presente seção, serão abordados os casos do Bahrein e Iêmen, duas complexas disputas políticas e que se desenrolam em Estados localizados nas fronteiras Sauditas, um fator que faz com que Riad identifique tais movimentos como uma ameaça direta a estabilidade de seu regime, enquanto o Irã vislumbra a possibilidade de conduzir a formação de governos aliados no golfo.

O caso Bareinita se destaca pela peculiar distribuição étnico-religiosa do país em relação a seus vizinhos do golfo. A população do Bahrein é composta de 70% de xiitas e o país se encontra em extrema proximidade geográfica com o Irã, tornando a monarquia – que é encabeçada pela minoria Sunita – uma atrativa área de expansão para a influência iraniana (GUZANSKY, 2014). O país inclusive já foi palco de revoltas a cabo pela maioria xiita, após a Revolução Iraniana, na ocasião a monarquia obteve sucesso em apaziguar os ânimos e promoveu uma tentativa de equilibrar a balança religiosa do país, concedendo cidadania para um grande número de sunitas Iraquianos (AYDIN, 2013).

No contexto da Primavera Árabe, Steinberg (2014) assinala que os protestos no Bahrein tiveram início em fevereiro de 2011 e logo passou a ser encabeçado pela parcela xiita da população, que logo passou a exigir mudanças vistas como radicais, como a deposição da família real e o próprio fim do regime monárquico. A família Al-Khalifa – casa real que detém o poder monárquico no país – logo se viu em delicada situação e recorreu ao CCG em busca de auxílio. A resposta foi implacável, a Arábia Saudita e também os Emirados Árabes Unidos enviaram tropas a Manama, a capital do país, e desencadearam violenta repressão que culminou com a prisão de sete líderes xiitas (STEINBERG, 2014, p. 20). O governo iraniano reagiu em tom agressivo, criticando abertamente a postura saudita de repressão a protestos classificados pelos iranianos como pró-democráticos e caracterizou a ação de Riad como uma ocupação levada a cabo com a complacência dos Estados Unidos (AMIRI; YUSOFF; SOLTANI, 2012).

A resposta Saudita a crítica iraniana se deu por meio do GCC, utilizando-se do encon-

tro realizado em Riad no mês de abril, ocasião em que os Sauditas reafirmaram sua posição de liderança na organização e denunciaram as supostas ações desestabilizadoras do governo iraniano no Bahrein.

Parte dessa liderança re-assertiva criada recentemente pela Arábia Saudita, juntamente com o Bahrein, tem sido a denúncia conjunta do Irã como principal culpado dos problemas no Bahrein. Em sua reunião de abril de 2011 realizada em Riad, o CCG, com instigação saudita, pediu à comunidade internacional e ao Conselho de Segurança que tomem as medidas necessárias para impedir interferências e provocações iranianas flagrantes para semear discórdia e destruição entre os estados do GCC. (KAMVARA, 2012, p. 99, Tradução Nossa)<sup>6</sup>

O envolvimento Saudita no Bahrein tornou-se quase uma condição inata a sobrevivência do regime, Steinberg (2014) aponta que a dependência da monarquia Al-Khalifa em relação a Riad tornou-se tão intensa que se pode até mesmo questionar a soberania do pequeno país do golfo. Riad com o uso da força e também de instrumentos econômicos foi capaz de até o momento salvar o frágil regime Bareinita, mas as tensões seguem cada vez mais presentes na paisagem política do país. Como veremos a seguir, no caso do Iêmen, o envolvimento do Reino Saudita adquiriu contornos mais complexos e consequências controversas.

O Iêmen é um país que detém crucial importância estratégica na região do golfo, sendo localizado em corredores marítimos estratégicos que fazem a ligação entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Índico, cuja estabilidade é crucial para o fluxo das exportações da região, especialmente o petróleo (GHAMARI, 2015). As raízes do atual conflito no Iêmen têm origem nas revoltas da Primavera Árabe em 2011, na ocasião o então presidente Saleh foi forçado a abdicar do poder e o então vice-presidente Hadi foi conduzido ao cargo, após quase duas décadas atuando como aliado do ex-presidente.

O conflito tem suas raízes no fracasso da transição política que deveria trazer estabilidade ao Iêmen, após uma revolta que forçou seu presidente autoritário de longa data, Ali Abdullah Saleh, a entregar o poder a Hadi, seu vice, em novembro de 2011. Hadi lutou para lidar com uma variedade de problemas, incluindo ataques da Al Qaeda, um movimento separatista no Sul, a lealdade de muitos oficiais militares a Saleh, bem como a corrupção, o desemprego e a insegurança alimentar. (JAN; MAJID, 2017, p. 192-193, Tradução Nossa)<sup>7</sup>

6 “Part of this newly crafted re-assertive leadership by Saudi Arabia, along with Bahrain, has been their joint denouncement of Iran as the primary culprit for Bahrain’s troubles. In its April 2011 meeting held in Riyadh, the GCC, at Saudi instigation, called on “the international community and the Security Council to take the necessary measures to stop flagrant Iranian interference and provocations aimed at sowing discord and destruction” among GCC states.”

7 “The conflict has its roots in the failure of the political changeover that was supposed to bring stability to Yemen following an uprising that forced its longtime authoritarian president, Ali Abdullah Saleh, to hand over power to Mr. Hadi, his deputy, in November 2011. Mr Hadi struggled to deal with a variety of problems, including attacks by alQaeda, a separatist movement in the south, the continuing loyalty of many military officers to Mr. Saleh, as well as corruption, unemployment and food insecurity.”

A manobra política que conduziu Hadi ao poder se mostrou, portanto, desastrosa e acabou por acentuar a fragilidade do regime iemenita. É nesse contexto que ganha força o movimento Houthi, um movimento islâmico pertencente ao xiismo – da vertente zaidista<sup>8</sup> – criado na década de 90 e que desde 2004 atua também na luta armada (ZWEIRI, 2016, p. 11-12). O movimento Houthi ampliou suas bases de apoio durante as instabilidades de 2011 e durante as negociações conduzidas por Hadi, em 2014, rejeitou as propostas do novo presidente, alegando que sua província seria enfraquecida e sofreria com a escassez de recursos.

Em 2011, os Houthis juntaram-se aos protestos contra o presidente Saleh e aproveitaram o vácuo de poder para ampliar seu controle territorial em Saada e na vizinha província de Amran. [...] Os Houthis posteriormente participaram de uma Conferência Nacional de Diálogo (NDC), que levou o presidente Hadi a anunciar planos em fevereiro de 2014 para o Iêmen se tornar uma federação de seis regiões. No entanto, os Houthis opuseram-se ao plano, afirmando que os deixariam enfraquecidos, sem recursos para a província ou acesso suficiente ao poder central. Eles se rebelaram novamente. (HASHIM, 2015, p. 2, Tradução Nossa)<sup>9</sup>

O posicionamento do movimento Houthi nas negociações de 2014 desencadeou o atual conflito no país. Em setembro, as forças do movimento chegaram a capital do país e em março de 2015 já haviam forçado o presidente Hadi a deixar país (JAN; MAJID, 2017). Com a fuga de Hadi e a alarmante possibilidade de um movimento xiita – que se tornaria um potencial aliado iraniano – assumir o poder do país, os Sauditas instantaneamente formaram uma coalizão com outros nove países, desencadeando uma operação militar com o objetivo de evitar a tomada de poder Houthi.

No dia 26 de março de 2015, a Arábia Saudita decidiu pôr fim ao vácuo político no Iêmen. A Arábia Saudita recrutou nove outros países aliados: Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Catar, Bahrein, Jordânia, Egito, Marrocos, Paquistão e Sudão. Esta coalizão deflagrou uma operação militar com base em três justificativas principais, sendo primeiro o pedido do presidente do Iêmen, Abedrabbo Mansour Hadi, para evitar o colapso do Estado Iemenita. O segundo foi o artigo 51 da Carta das Nações Unidas, que dá aos países o direito à autodefesa. A terceira justificativa foi a Declaração de Riad de 2009 que autorizou os países do CCG, juntamente com o Egito e a Jordânia, a “defender os pontos de água na região” (Implicações da Operação Tempestade Decisiva, 2015). O principal objetivo da operação foi restaurar a legitimidade do governo Abderabbo Mansour Hadi e acabar com o golpe liderado por Houthis e apoiado pelo ex-presidente Saleh. (ZWEIRI, 2016, p. 15, Tradução Nossa)<sup>10</sup>

8 Dissidência do xiismo e com predominância na região norte do Iêmen.

9 “In 2011, the Houthis joined the protests against then President Saleh and took advantage of the power vacuum to expand their territorial control in Saada and neighboring Amran province. [...] The Houthis subsequently participated in a National Dialogue Conference (NDC), which led to President Hadi announcing plans in February 2014 for Yemen to become a federation of six regions. The Houthis however opposed the plan, which they said would leave them weakened and without resources for their province or sufficient access to power at the center. They rose up again.”

10 On the 26th of March 2015, Saudi Arabia decided to put an end to the political vacuum in Yemen. Saudi Arabia enlisted nine other allied countries: United Arab Emirates, Kuwait, Qatar, Bahrain, Jordan, Egypt,



Até o momento a intervenção da coalizão saudita no Iêmen tem se revelado um desastre humanitário de enormes proporções. Riad, além da intervenção militar, acusa os iranianos de fomentarem o movimento Houthi e fornecerem armamentos a sua milícia, uma alegação negada com veemência pelo regime de Teerã. Recentemente, em dezembro de 2017, o ex-presidente Saleh foi morto na capital do país, em uma ação alegadamente levada a cabo pelo grupo xiita. A intervenção e a Guerra Civil no Iêmen caminham para completar dois anos de duração, com menos atenção e interesse das grandes potências do que o conflito na Síria, o país do golfo parece estar imerso em uma sangrenta trilha de disputa pelo poder, que não parece estar perto do fim. Enquanto isso, bombardeios a população civil são recorrentes e seu povo torna-se a maior vítima de um verdadeiro labirinto político.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser visto, a rivalidade e os tensionamentos entre Arábia Saudita e Irã tornaram-se um elemento central da constituição do equilíbrio de poder no Oriente Médio desde 2003, após o desmantelamento do regime de Saddam no Iraque. O início da onda de revoltas populares, que foram responsáveis por subverter diversos regimes em relevantes atores da região a partir de 2011, colaboraram para uma intensificação da batalha pela hegemonia travada entre os dois regimes.

Dentro de tal cenário, Teerã e Riad passaram a atuar no sentido de consolidar e expandir suas esferas de influência. No caso do Reino Saudita, é possível notar um grande esforço no sentido de resguardar os regimes das monarquias do golfo, vistos como essenciais para manter a segurança e estabilidade da própria monarquia do país. Tais esforços se tornam explícitos, por exemplo, na firme oposição de Riad ao regime sírio e suas explícitas ações levadas a cabo no sentido de desestabilizar o governo de Assad.

Já o Irã, busca a manutenção do regime de Damasco, seu principal parceiro estratégico na região, além de enfim satisfazer sua ambição de difundir a Revolução Islâmica para os países de maioria xiita no golfo, um objetivo antigo e que tem origem na própria Revolução Iraniana de 1979.

A intensa rivalidade e a existência de dois objetivos antagônicos conduziu o Golfo Árabe a uma Guerra Fria entre as duas potências regionais. Os casos analisados demonstram a intensa e indireta batalha pelas zonas de influência do golfo, conflitos que são recheados de acusações, manobras políticas e que até mesmo desencadearam uma guerra civil de proporções catastróficas.

Em síntese, o equilíbrio de poder no Oriente Médio será moldado pelos resultados

---

Morocco, Pakistan, and Sudan. This coalition launched a military operation based on three main justifications, the first being the request of the president of Yemen, Abdrabbo Mansour Hadi to prevent the collapse of the state in Yemen. The second was Article 51 of the United Nations Charter which gives countries the right to self-defense. The third justification was the 2009 Riyadh Declaration which authorized the GCC countries, along with Egypt and Jordan, “to defend water outlets in the region” (Implications of Operation Decisive Storm, 2015). The main objective of the operation was to restore legitimacy of the Abdrabbo Mansour Hadi government, and end the coup led by Houthies and supported by the former President Saleh

provenientes do vácuo de poder criado em diversos pontos da região, após a Primavera Árabe. Os recentes acontecimentos, como o sucesso do regime sírio em combater o avanço do Estado Islâmico, a expansão do controle Houthi no Iêmen e os bloqueios impostos pelos países do GCC ao Qatar – que após o acontecido passou a nutrir relações mais amistosas com o regime de Teerã – parecem até o momento colocar o regime iraniano em uma posição mais favorável nesta frágil e delicada batalha pela hegemonia regional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKGUL, Nazife S. P. From Stillness to Aggression: The Policy of Saudi Arabia towards Syria after the Arab Spring. **International Journal of Humanities and Social Science**, Vol. 6, No. 9, September 2016, p. 39-42. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/profile/Pinar\\_Guelcan2/publication/280563474\\_From\\_Stillness\\_to\\_Aggression\\_The\\_Policy\\_of\\_Saudi\\_Arabia\\_towards\\_Syria\\_after\\_the\\_Arab\\_Spring/links/5818762d08ae6378919e3dbd/From-Stillness-to-Aggression-The-Policy-of-Saudi-Arabia-towards-Syria-after-the-Arab-Spring.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Pinar_Guelcan2/publication/280563474_From_Stillness_to_Aggression_The_Policy_of_Saudi_Arabia_towards_Syria_after_the_Arab_Spring/links/5818762d08ae6378919e3dbd/From-Stillness-to-Aggression-The-Policy-of-Saudi-Arabia-towards-Syria-after-the-Arab-Spring.pdf) > Acesso em: 11 de dezembro 2017.

AMIRI, Reza E.; YUSOFF, Mohammad A.; SOLTANI, Fakhreddin. Arab Spring: Geopolitical Implications for Iran. **International Journal of Asian Social Science**, vol. 2, issue 9, 2012, p. 1533-1547.

AYDIN, Aydin. Hereditary Oil Monarchies: Why Arab Spring Fails in GCC Arabian States. **SDU Faculty of Arts and Sciences Journal of Social Sciences**, No: 30, December 2013, p.123-138. Disponível em: < <http://dergipark.gov.tr/download/article-file/117763> > Acesso: 13 dezembro 2017.

BARZEGAR, Kayhan. Balance of Power in the Persian Gulf: An Iranian View. **Middle East Policy**, Vol. XVII, No. 3, Fall 2010, p. 74-87.

DOWNS, Kevin. A Theoretical Analysis of the Saudi-Iranian Rivalry in Bahrain. **Journal of Politics & International Studies**, Vol. 8, Winter 2012/13, p. 203-237. Disponível em: < <http://www.polis.leeds.ac.uk/assets/files/students/student-journal/ug-winter-12/130213-win12-kevin-downs-6.pdf> > Acesso em: 11 dezembro 2017.

GHAMARI, Magdalena El. Jemen – The Proxy War. **Securitologia**, no. 2, 2015, p. 43-56. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/305192244\\_Jemen\\_-\\_the\\_Proxy\\_War](https://www.researchgate.net/publication/305192244_Jemen_-_the_Proxy_War) > Acesso em: 14 dezembro 2017.

GUZANSKY, Yoel. Immortal Monarchies? Saudi Arabia, the Gulf States, and the Arab Spring. **Strategic Assessment**, vol. 17, n. 2, Jul. 2014, p. 43-52. Disponível em: < [http://daatsolutions.co/inss/wp-content/uploads/systemfiles/adkan17\\_2ENG4\\_Guzansky.pdf](http://daatsolutions.co/inss/wp-content/uploads/systemfiles/adkan17_2ENG4_Guzansky.pdf) > Acesso em: 14

dezembro 2017.

HASHIM, Ahmed A. S. Yemen Arabia Infelix. **Journal Defense Management**, vol. 5, issue 1, 2015. Disponível em: <<https://www.omicsonline.org/open-access/yemen-arabia-infelix-2167-0374-1000127.pdf>> Acesso em: 13 dezembro 2017.

JAN, Fozia; MAJID, Shazia. Yemen Crises and the Role of Saudi Arabia. **International Journal of Arts and Humanities**, vol. 5, no. 1, January 2017, p. 192-196. Disponível em: <<http://springjournals.net/full-articles/springjournals.netijaharticlesindex=4foziaandshazia..pdf?view=inline>> Acesso em: 13 dezembro 2017.

KAMVARA, Mehran. The Arab Spring and the Saudi-Led Counterrevolution. **Orbis**, Vol. 56, Issue 1, 2012, p. 96-104. Disponível em: <<http://www.iemed.org/observatori-fr/arees-danalisi/arxius-adjunts/arxius-externs/Arab%20Spring%20%20GCC.pdf>> Acesso em: 14 dezembro 2017.

MAMADKUL, Jiraroj. Saudi Arabia-Iran's Foreign Policy Crisis: A Case Study of Execution of Saudi Shia Cleric Shaikh Nimr al-Nimr. **Rangsit Journal of Social Sciences and Humanities**, Vol. 4, No. 1, January - June 2017, p.75-82. Disponível em: <[http://www.rsu.ac.th/rjsh/public/upload/journal/file/2017/23/20172101234857-5\\_article6\\_.pdf](http://www.rsu.ac.th/rjsh/public/upload/journal/file/2017/23/20172101234857-5_article6_.pdf)> Acesso em: 10 dezembro 2017.

OKTAV, Özden Z. The Gulf States and Iran: A Turkish Perspective. **Middle East Policy**, Vol. XVIII, No. 2, Summer 201, p. 136-147.

RICH, Ben. Gulf War 4.0: Iran, Saudi Arabia and the complexification of the Persian Gulf equation. **Islam and Christian-Muslim Relations**, Vol. 23, No. 4, October 2012, p. 471-486.

SAJEDI, Amir. Iran's Relations with Saudi Arabia. **India Quarterly: A Journal of International Affairs**, Vol. 49, Issue 1-2, 1993, p. 75-96.

STEINBERG, Guido. **Leading the Counter-Revolution: Saudi Arabia and the Arab Spring**. Stiftung Wissenschaft und Politik: Berlin, 2014. Disponível em: <[https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/research\\_papers/2014\\_RP07\\_sbg.pdf](https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/research_papers/2014_RP07_sbg.pdf)> Acesso em: 13 dezembro 2017.

ZWEIRI, Mahjoob. Iran and Political Dynamism in the Arab World: the Case of Yemen. **Digest of Middle East Studies**, Volume 25, Number 1, Spring 2016, p. 4-18.